
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SEGUNDO A RAZÃO INSTRUMENTAL

Lenildes Ribeiro Silva Almeida

Resumo: este artigo expõe uma reflexão acerca da produção do conhecimento na sociedade atual. Esse conhecimento se faz obedecendo à racionalidade instrumental, constitutiva do sistema capitalista. Essa racionalidade está presente em todas as relações e atitudes da nossa sociedade e avança para a produção do conhecimento acadêmico. Esta reflexão busca questionar a produção do conhecimento científico e assim relacioná-lo ao questionamento, à reflexão e à crítica.

Palavras-chave: conhecimento, racionalidade, sistema capitalista, crítica

Diante de toda uma problemática existente na constituição da sociedade hoje em virtude do sistema capitalista, me deparo constantemente com um exercício de reflexão acerca da realidade e da racionalidade que permeia as condições de sobrevivência legitimadas por essa sociedade. Quando busco refletir acerca da racionalidade presente na sociedade capitalista, questiono a razão que, presente no desenvolvimento da sociedade capitalista, mesmo com todo processo civilizatório, não foi capaz de nos proporcionar um pensamento autônomo que nos promovesse a condição de livrar-nos da opressão em que vive a humanidade, em razão da individualização e barbárie conseqüentes do sistema capitalista.

Nesse artigo, procurarei expor minhas reflexões acerca da produção do conhecimento na sociedade atual que tem como parâmetro a mesma racionalidade constitutiva do sistema capitalista e do processo de individualização conseqüente desse sistema. Essa racionalidade está presente em

todas as relações e atitudes da nossa sociedade, seja na família, na religião, na educação, na arte e até mesmo na produção do conhecimento acadêmico. Assim, as instituições responsáveis pela educação formal do indivíduo, em que o saber, o conhecimento, poderia estar comprometido com a razão que esclarece os fatos, obscurecem essa realidade, sem condições de escapar da irracionalidade nela instaurada e se adequando também às exigências do sistema capitalista.

Na sociedade atual, encontramos-nos envolvidos num processo avançado de modernização em que fatores como a velocidade dos progressos científicos e tecnológicos, a rapidez da informação nos retratam uma dinâmica social e econômica cada vez mais acelerada, constitutiva da evolução do sistema capitalista. No contexto da sociedade, hoje, e diante do desenvolvimento do capitalismo, os indivíduos participantes dessa sociedade, ao tentarem a sobrevivência ao modo do capital, não somente se adaptam, como criam situações e condições para conquistar níveis cada vez mais elevados na escala econômica e social. Nesse sentido, a dinâmica da sociedade atual, em correspondência com o sistema capitalista, cria indivíduos adaptados, ao mesmo tempo em que é criada pelos indivíduos que a constituem.

No contexto da nossa sociedade, ao tentar sobreviver ao modo do capital, o homem procura conquistar seus objetivos numa perseguição individual. Assim, a competição e a concorrência permeiam relações e atitudes e, nesse sentido, os sentimentos humanitários, que venham fazer com que o homem desenvolva pensamentos e ações voltadas para o coletivo, são dissolvidos diante dos objetivos individualizados. Dessa forma, vivemos como numa selva onde cada um tenta, a seu modo, buscar seu sucesso, o que tem gerado um quadro de violência e desrespeito para com o outro, nas mais diversas situações.

Diante dos valores impostos pelo sistema capitalista e diante dos prejuízos trazidos por eles à humanidade, cabe questionar se o desenvolvimento a que chegamos não foi suficiente para que pudéssemos repensar a realidade brutal em que vivemos, e assim, questionar a racionalidade que impera sobre essa realidade que nos impede de pensar noutra possibilidade de sobrevivência que não essa. Dessa forma, destituídos da possibilidade de um pensamento autônomo, capaz de questionar e evidenciar as contradições existentes na nossa sociedade, buscamos ansiosamente garantir nosso sucesso segundo a lógica imposta pelo sistema.

Em conformidade com a lógica imposta pelo sistema capitalista, a busca pelo saber tem se constituído na busca por um instrumento capaz de viabilizar um espaço no mercado de trabalho. Do mesmo modo que hoje

não se pode perder tempo nem oportunidade na busca pelo sucesso econômico, a constituição do saber acompanhou esse processo de desenvolvimento do capitalismo de forma que, ao longo do tempo, se fez legítimo o conhecimento capaz de atender a essa lógica capitalista. Com resultados práticos, imediatos, a veracidade do conhecimento passou a ser aquela que se funda na empiria e assim se deixa medir, comprovar e quantificar. O discurso crítico é tomado como vazio, inútil e idealista diante da aplicabilidade prática do que se pode ver e provar empiricamente. Na expressão de Horkheimer, “a razão como órgão destinado a perceber a verdadeira natureza da realidade e determinar os princípios que guiam a nossa vida começou a ser obsoleta” (HORKHEIMER, 2000, p. 26).

Para compreender sob quais bases se ampara a legitimação do conhecimento empírico, retomo aqui o que disseram Adorno e Horkheimer. Os autores, ao questionarem o conceito de esclarecimento, nos mostram a dicotomia existente entre o saber ligado à crítica, à fruição do conhecimento, à desmitificação, que procura o sentido e o conceito verdadeiro dos fatos, e o saber que, com o progresso e o desenvolvimento das relações de poder, a calculabilidade, a esquematização dos meios aos fins constitutivos do sistema capitalista, se fez empírico, a ponto de ser legitimado como verdadeiro somente o que pudesse ser medido e comparado, submetido às leis da matemática. Desse modo, esse saber concedia aos fatos heterogêneos uma condição de homogeneidade, cuja comprovação empírica seria capaz de destituir o saber crítico e racional. É o que Adorno e Horkheimer afirmam quando nos dizem que “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (ADORNO, 1985, p. 21). Ao se destituir o pensamento crítico, sujeito e objeto se perdem, pois o primeiro não é mais sujeito em razão da adaptação à realidade e a uma razão já predeterminada, já que o pensamento livre se desfaz diante do que está legitimado. Do mesmo modo, o objeto tem sua unidade dissolvida face à universalização dos instrumentos e métodos de análise e medida.

a equação do espírito e do mundo acaba por se resolver, mas apenas com a mútua redução de seus dois lados. Na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado (ADORNO, 1985, p. 38).

O esclarecimento se tornou um meio de adaptação e coerção social e, assim, os indivíduos, longe de se afirmarem como sujeitos de um pensamento autônomo, que pensam para além da realidade tal como ela se apresenta, buscam cada vez mais se adequar ao sistema, procurando alternativas que lhes confirmem sucesso no capitalismo. Nesse sentido, imediatamente é conferida ao pensamento a relação de poder pelo qual o homem tem como objetivo o domínio da natureza e dos outros homens, como afirmam Adorno e Horkheimer: “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (ADORNO, 1985, p. 20). Porém, ao buscar o conhecimento como meio de adquirir o poder e o domínio, os homens se esquecem de que são eles mesmos dominadores e dominados uns pelos outros e pela natureza.

As reflexões em torno da legitimação do saber empírico diante das exigências capitalistas são esclarecedoras da praticidade e subjetividade a que chegou essa sociedade. A velocidade com que o mundo se metamorfoseia para adquirir níveis cada vez mais elevados de progresso tecnológico, a constante luta pelo poder e domínio, nos deixam perceber que, como participantes desse processo, nos adaptamos à realidade com a mesma velocidade. Em conformidade com essa realidade, a busca pelo conhecimento se fez busca por um espaço de destaque concorrido e seletivo. Em nossa sociedade, o conhecimento aplaudido é aquele que nos apresenta soluções rápidas e práticas que atendam a essa dinâmica na qual estamos imersos. Nesse sentido, eclodem receitas de sucesso, grandes invenções geradoras de fortunas, enfim, tudo o que, de imediato, possa atender às necessidades que a lógica capitalista foi exigindo.

Para melhor compreender como o saber se ajusta à realidade sem antes questioná-la, retomo aqui o que Horkheimer nos apresenta em *Eclipse da Razão* quando nos fala sobre o conceito de razão subjetiva e objetiva. Para o autor, a razão objetiva, ligada ao conhecimento absoluto, ao conceito, ao universal, foi sendo renegada em favor de uma razão que, no contexto da sociedade capitalista, viesse atender a objetivos do sujeito já antes determinados, sejam eles quais forem. Desse modo, a razão subjetiva se caracteriza por estar a serviço do sujeito e, assim, procura explicar, esquematizar e converter atitudes e pensamentos de acordo com os propósitos preestabelecidos por seu senhor. É o que conferimos quando o autor nos diz que, “tendo cedido a sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento” (HORKHEIMER, 2000, p. 29). Mais adiante Horkheimer nos afirma que “a verdade e as idéias foram radicalmente funcionalizadas, e a linguagem é considerada um mero instrumento, seja para a estocagem e comunicação dos elementos intelectu-

ais da produção, seja para a orientação das massas” (HORKHEIMER, 2000, p. 31).

Na dinâmica da sociedade atual, é inadmissível o saber crítico que não venha a servir a imediatez por ela exigida. Esse saber é tido como ilusório, ideal e, portanto, não cabe no processo de progresso em que vivemos. Não é difícil perceber como até mesmo o meio legitimado responsável pela educação do indivíduo e a aquisição e produção do conhecimento, a escola, têm se adequado a essa lógica. Cada vez mais surgem cursos de curta duração, em áreas específicas, seguindo a mania dos *fast-foods*, mediante os quais o aluno é lançado ao mercado de trabalho com a mesma rapidez que um produto sai da linha de montagem, já que a função pela qual esse aluno foi programado se resume em desempenhar da melhor maneira possível algumas habilidades específicas e, assim, conseguir sucesso no mercado de trabalho.

Ao procurar analisar a realidade que envolve a formação do indivíduo, nos deparamos com as contradições inerentes a essa sociedade que impede o exercício de um pensamento livre das imposições do sistema capitalista, porém, é nessas condições que o conhecimento é produzido, quando o saber se converte em irracionalidade. Como uma mercadoria que como todas as outras ações nessa sociedade se legitima sob a razão subjetiva, assim o saber também é esquematizado a fim de atender aos objetivos capitalistas, objetivos individualizados, com pouca ou nenhuma preocupação com o social, já que o outro, nesse processo, torna-se uma ameaça para esse indivíduo imbuído da concorrência e competição necessárias à sobrevivência do sistema capitalista.

Nesse movimento de rapidez da informação, progresso científico e tecnológico, impulsionados pelo desenvolvimento do sistema capitalista, as instituições legitimadas como produtoras do conhecimento, a escola, as universidades, ao reconhecerem sua função social, entram num conflito constante. Ao transferir a essas instituições a responsabilidade pela educação do indivíduo, a sociedade exige que, ao mesmo tempo em que a escola forme o aluno capaz de obter sucesso no mercado de trabalho, também seja capaz de despertar nesse aluno sentimentos humanitários ligados ao social e a atitudes de cidadania. Dessa forma, a escola se encontra numa contradição na qual a sociedade se esquece de que a pressão imposta pelo sistema capitalista quanto à individualização, à concorrência, à competição desmedida, exercem forças de maneira tamanha que a escola acaba por ceder. Nesse sentido, a escola, como empresa em que se transformou, procura formas de vencer a concorrência e agradar sua clientela que, longe de qualquer desejo de pro-

curar se desenvolver como ser humano, sujeito de um pensamento autônomo, capaz de desenvolver atitudes direcionadas ao bem coletivo, aposta na escola como alternativa mais provável para suas conquistas individuais.

Diante desse quadro de adaptação da produção do conhecimento ao sistema capitalista, vejo que, nas academias, os programas de pós-graduação em muito acompanham essa degradação da produção do conhecimento. No artigo intitulado *A Produção Discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1982-1991): avaliação e perspectivas*, Warde nos apresenta um quadro em que é possível constatar uma certa decadência dos programas de pós-graduação educacional dentro das Universidades. A autora nos apresenta uma análise de teses e dissertações quanto aos grupos temáticos, às referências teóricas, às metodologias adotadas, às fontes, aos âmbitos geográficos e aos objetivos dos trabalhos.

Quanto ao balanço das produções, Warde nos aponta como têm se tornado inconsistentes os trabalhos de pós-graduação. Essa inconsistência, seguida pela preferência por modismos, pelo caráter repetitivo dos trabalhos ao desconhecerem o que já foi produzido, dificulta a articulação desses trabalhos com pesquisas posteriores. Autores como Bernadete Gatti e Luiz Antônio Cunha também nos alertam quanto à problemática aqui exposta no sentido de procurar refletir para que busquemos alcançar melhores condições das produções acadêmicas. Diante das dificuldades aqui comentadas, as teses e dissertações, após suas defesas, acabam se tornando meros arquivos de bibliotecas e não são propulsoras de futuros estudos, como afirma Warde: “Os pesquisadores falam de si para si mesmos” (WARDE, [1990], p. 69).

A preferência por pesquisas conclusivas e imediatas que enfoquem problemas práticos tem conduzido a assuntos repetitivos e à falta de integração entre elas, como Warde afirma: “não parece haver, entre elas, pontes teóricas ou conceituais que os unifiquem de forma coerente e globalizante” (WARDE, [1990], p. 70). Ainda nesse sentido, mais adiante, a mesma autora afirma que

A descontinuidade, no tempo, dos assuntos abordados, fato já constatado nas fases anteriores da pós-graduação, ganhou um agravante com a nova clientela: fortemente premida pelos seus problemas práticos, ao mesmo tempo que, em sua grande maioria, desinteressada em dar continuidade aos estudos acadêmicos ou sem perspectivas de se envolver, em caráter mais permanente, com atividades de pesquisa, essa clientela parece perseguir, nos trabalhos conclusivos, os seus interesses mais imediatos e pragmáticos (WARDE, [1990], p. 70).

Como que ignorando os estudos anteriores sobre uma temática determinada, os 'pesquisadores' em sua maioria rejeitam até mesmo a teoria como fonte do conhecimento científico, ou acabam por adaptar a teoria ao modelo vigente, de forma fragmentada e inconsistente que venha atender a praticidade que o momento requer.

Ao acompanhar as reflexões feitas por Warde, especialmente quando o desenvolvimento dos programas de pesquisa na pós-graduação, entre outros motivos que contribuíram para a regressão do nível das pesquisas, percebe-se a relação existente entre a produção acadêmica e a sua aplicabilidade imediata às necessidades pessoais quanto à ascensão na carreira profissional. Segundo minhas reflexões anteriores, acerca das exigências do sistema capitalista, amparados pela razão subjetiva, não é difícil constatar a produção do conhecimento foi se tornando também um instrumento para atingir objetivos individuais, entre eles um espaço no mercado de trabalho. Por esse raciocínio, a pesquisa, que não atende de imediato aos interesses do pesquisador quanto ao mercado de trabalho ou mesmo da instituição que financia o projeto, torna-se inútil. Esclarece-se aqui, o porquê de as pesquisas de cunho teórico e filosófico, preocupadas com o pensamento crítico, com os conceitos, com a dinâmica da sociedade atual bem como suas contradições, despertam pouco interesse. Na nossa sociedade, um trabalho que se empenhasse em desvelar a realidade, esclarecendo as relações de poder existentes na sociedade, em determinada instituição ou categoria, seria questionado e sua finalidade causaria espanto. Mas uma pesquisa com um método de ensino que demonstrasse sua eficácia diante de alunos com determinada dificuldade poderia render ao pesquisador uma carreira de sucesso.

Diante da busca pela sobrevivência, no meio da concorrência instaurada pelo capital, entre realizar uma pesquisa crítico-reflexiva, de cunho histórico e social, e algo vislumbrado por aqueles que procuram soluções práticas para seus problemas imediatos, os pesquisadores são tentados a optar por essas últimas. Trilham caminhos mais fáceis e lucrativos, caminhos que levam às suas realizações pessoais, de interesses individualizados. Em meio à realidade brutal a que chegamos com as condições impostas pelo mercado de trabalho, as alternativas apresentadas a quem tenta sobreviver e garantir seu espaço apontam uma conformidade e continuidade desse processo, ou seja, o indivíduo, reconhecendo como único meio de sobrevivência a adaptação à lógica capitalista, passa a esquematizar seus pensamentos e atitudes em favor dessa sobrevivência. Nesse sentido, a dinâmica da sociedade capitalista deixa de ser imposição para fazer parte dos anseios e desejos do próprio indivíduo.

Em meio ao contexto de desenvolvimento do capitalismo e reconhecimento da racionalidade que impera na dinâmica dessa sociedade, podemos perceber como a busca pelo conhecimento se tornou um instrumento para a conquista de objetivos individualizados. Não posso negar, no entanto, as contribuições trazidas por esse conhecimento, até mesmo porque grandes avanços no campo da tecnologia, da medicina, das práticas educativas, etc. pudemos alcançar, mesmo percebendo cada uma delas como instrumentos no processo de desenvolvimento do capitalismo. Diante disso, procuro enfatizar que, mesmo estando imbuídos dum sistema em que os objetivos do capital influenciam e até determinam nossos pensamentos e atitudes, a preocupação social e política deve estar presente na produção do conhecimento. Entendo que ela, qualquer que seja o método ou a metodologia utilizada para se desenvolver uma pesquisa em educação, deverá procurar ultrapassar nossos objetivos pessoais e profissionais para buscarmos a nossa função social de pesquisadores e produtores do conhecimento.

As denúncias feitas pelos autores aqui apresentados nos remetem à gravidade em que se encontram os programas de pós-graduação nas Universidades. Luiz Antônio Cunha em Pós-Graduação em educação: no ponto de inflexão? nos fala sobre a decadência da qualidade das pesquisas em educação, reforçadas muitas vezes pela exigência das instituições em ter em seu quadro docente mestres e doutores. Ao contrário dessa exigência, elevar o nível das produções, a busca da ascensão na carreira por parte dos professores das mais diversas áreas resultou numa verdadeira corrida pelos cursos de mestrado e doutorado e, como conseqüência, vieram os mais variados problemas, alguns já comentados anteriormente. Quanto à redução da qualidade dos programas, ressaltada pelo aumento da oferta desses cursos, Cunha (1991, p. 64) nos afirma que “o baixo nível levou ao facilitário e foi por ele reforçado”. A crítica que o autor faz, no entanto, é constitutiva de uma avaliação que resulta na reflexão sobre os possíveis caminhos que melhorem a qualidade das pesquisas educacionais.

Já que estamos envolvidos com a instituição legitimada pela sociedade como responsável pela educação do homem, devemos ser conscientes do caráter político e social nela embutido e perceber nossa responsabilidade, questionar a adaptação ao sistema econômico que perpassa as pesquisas educacionais. Sobre o caráter político e, portanto, social da educação, Adorno nos fala da educação emancipadora que, pelo compromisso com a conscientização acerca da realidade, busca formar indivíduos que não se adaptem simplesmente a essa realidade. De forma contrária a essa adaptação da lógica capitalista, ao desenvolver o pensamento autônomo, o indivíduo

vai para além do imediato, reconhece a dominação e a manipulação do sistema econômico, porém, nesse reconhecimento, busca alternativas num pensamento emancipador.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior (ADORNO, 1995, p. 143).

Nesse sentido, devo reconhecer que a produção do conhecimento contribuiu para sua legitimação e lhe conferiu um caráter natural. Diante das reflexões aqui apresentadas, ainda que sem alcançar a profundidade que o tema requer, podemos reconhecer, no contexto da sociedade atual, a racionalidade que impera até mesmo nas pesquisas e na produção do conhecimento. Desse modo, podemos perceber a contradição existente entre o reconhecimento da função social de uma pesquisa, especialmente em educação, e as condições impostas pelo sistema capitalista que, muitas vezes, impedem a realização de um trabalho de maior abrangência social e política.

Como pesquisadores, ao reconhecermos as contradições que permeiam a produção do conhecimento no contexto da sociedade atual, entramos num conflito constante. Quando procuramos compreender a decadência da produção do conhecimento e vemos a exigência do mercado de trabalho a interferir em nossos projetos de pesquisa, surge a tensão entre nossa luta diária em concluir a pesquisa num tempo determinado e a responsabilidade social e política do envolvimento com a produção do conhecimento acadêmico, especialmente com pesquisas em educação. Nesse conflito, entram em contradição nossas reflexões sobre a profundidade que uma pesquisa em educação requer com a praticidade e a instrumentalização constitutiva dessa sociedade.

Ao buscarmos alcançar a função político-social das pesquisas em educação, podemos nos deparar com questionamentos sobre a utilidade de tais pesquisas, hoje. Diante das reflexões aqui apresentadas de como o conhecimento se fez instrumento a serviço do capital legitimado pela razão subjetiva, não poderíamos encontrar aplicabilidade imediata, nessa sociedade, para essas pesquisas. Porém, na condição de pesquisadora em educação, retomo Adorno quando afirma que a educação leva o sujeito a se constituir autônomo, emancipado, capaz de conseguir refletir sobre ela e conseguir uma

consciência verdadeira acerca dos fatos. Ainda que limitada pelas condições de sobrevivência na sociedade capitalista, a educação torna-se o único meio capaz de levar o indivíduo à possibilidade de um pensamento crítico acerca da realidade aparente.

a única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez à adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isso é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência (ADORNO, 1995, p. 154).

Mesmo reconhecendo a educação como responsabilidade não apenas das instituições escolares, percebo que, nessas instituições, ela é o espaço em que reflexões como as aqui apresentadas podem acontecer, o que só sustenta e reforça a nossa função social e política diante da grande massa que não teve acesso à academia. Segundo esse raciocínio, tive a necessidade de escrever este texto para expor a racionalidade constitutiva desse sistema que limita, esquematiza e instrumentaliza até mesmo a busca do saber. Parece um paradoxo, mas até mesmo o saber, que deveria esclarecer os fatos, desvelar as contradições e levar o indivíduo a se constituir como sujeito de um pensamento autônomo, é manipulado e contribui para a legitimidade e continuidade da realidade aqui apresentada, num movimento em que a razão se converte em instrumento e conseqüente irracionalidade.

Ao reconhecer, portanto, o saber como meio para atingir os fins mais diversos criados nessa sociedade, como pesquisadores em educação temos que compreender a realidade para além da forma como se apresenta e, nesse sentido, ter consciência de nossa responsabilidade diante de uma sociedade cuja grande maioria sequer chega ao ensino fundamental. Dessa forma, cabe-nos analisar melhor nossa prática, visando atender os objetivos para além do imediatismo imposto pela sociedade capitalista que procura resolver seus problemas complexos de maneira superficial e provisória, sem qualquer compromisso com o questionamento, a reflexão e a crítica. Contribuiremos assim, dentro de nossos limites, enquanto imersos nessa racionalidade, para a emancipação do indivíduo por meio do pensamento autônomo, contrariando a adaptação imposta pelo sistema capitalista.

Neste trabalho, não ignoramos a euforia por participarmos de um projeto de pesquisa nem mesmo desconsideramos a realização pessoal e profissional que sentimos após nosso ingresso num programa de mestrado e dou-

torado. Da mesma forma, não é nosso objetivo levantar a bandeira da educação emancipadora com receitas e passos a serem indicados. Estamos conscientes e procuramos esclarecer as contradições que envolvem o trabalho do pesquisador em educação, exigidas pela lógica dessa sociedade capitalista, porém ressaltamos que o fato de buscarmos conhecer e desvelar a realidade e trazer à discussão os fatos obscurecidos na nossa sociedade já é um ato de autonomia diante da realidade. Dessa forma, esperamos que não sejam as exigências de um mercado de trabalho regido pela razão instrumental os motivos impulsionadores únicos do desenvolvimento de nosso trabalho, mas, ao procurarmos saldar nossa dívida com a sociedade, por fazermos parte de uma tão pequena parcela da população a ter acesso à produção do conhecimento acadêmico, pensamos alcançar essa sociedade de uma forma consistente, racional e crítica.

Referências

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

CUNHA, L. A. Pós-graduação em educação: no ponto de inflexão?. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 77, p. 63-80, maio 1991.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000.

WARDE, M. J. *A produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1982-1991): avaliação e perspectivas*. Não publicado.

Abstract: this paper to present a reflection about the production of knowleads in the actual society that happness accord with instrumental racionality, constructive of the capitalism system. Racionality that are present in all situation and action of society and in the contruction fo the academic knowlead. This is reflection get to question the contruction of the cientific knowlead and to relaction with the question, the reflection and the critical.

Key words: knowlead, racionality, capitalism system, critical

LENILDES RIBEIRO SILVA ALMEIDA

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora na Rede Municipal de Goiânia. Pedagoga. *E-mail*: lenildesribeiro@pop.com.br